



“POR ISSO, SEM TEMER FOI SEMPRE O NOSSO LEMA”: “IDEOLOGIA DE GÊNERO”, ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NO COLÉGIO PEDRO II

Cristiane Pereira Cerdera¹

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão acerca das estratégias de resistência construídas por coletivos do Colégio Pedro II, com vistas a enfrentar os ataques contra a liberdade de ensinar e aprender e o discurso antigênero na instituição, em um recorte temporal que vai de 2016 a 2018. Sugere-se que o possível desgaste das manifestações contra a “ideologia de gênero”, nesse caso, coincide com a apropriação de outras pautas conservadoras. Dessas narrativas em disputa emergem dois projetos de escola: uma laica, inclusiva e de qualidade para todos/as; e outra, forjada pelos valores do capital e que precariza ainda mais segmentos sociais já marginalizados, como mulheres, negros/as, pobres e dissidentes sexuais e de gênero.

Palavras-chave: Ideologia de gênero. Resistências. Colégio Pedro II.

Introdução

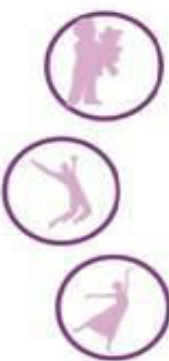
O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre estratégias de resistência construídas por coletivos no Colégio Pedro II como resposta às investidas de grupos de viés conservador e religioso, que, articulando-se com o movimento “Escola sem Partido” (ESP), têm procurado cercear a liberdade de aprender e ensinar, constringendo profissionais da educação por meio de ameaças e processos judiciais.

O Colégio Pedro II é uma instituição federal sediada no Rio de Janeiro, equiparado aos institutos federais desde 2012. Apresenta um quadro estável de professores, condições de trabalho consideradas superiores à média das escolas públicas e, sustentando-se em uma tradição humanística, seu projeto pedagógico preconiza um empenho permanente de transformação e promoção da inclusão. Por isso, desde 2013, têm florescido grupos e núcleos de estudos comprometidos com discussões sobre gêneros e sexualidades, por parte de docentes, técnicos e estudantes.

Em 2016, profissionais da instituição sofreram duros ataques, capitaneados por integrantes do ESP, que culminaram com um processo aberto pelo Ministério Público Federal.

¹ Doutora em Letras, Departamento de Línguas Anglo-Germânicas, Colégio Pedro II, cristiane.cerdera@gmail.com.





As respostas a esses ataques não tardaram: organizada em coletivos, a comunidade escolar – docentes, técnicos, responsáveis e estudantes – teceu estratégias conjuntas de resistência.


A intrincada relação: ideologia de gênero e movimento Escola Sem Partido

É importante ter em mente que essas investidas por parte de setores conservadoras e ultraconservadoras não são um caso isolado no Brasil ou no mundo. São, na verdade, manifestações daquilo que autores como Rogério D. Junqueira caracteriza como uma ofensiva reacionária transnacional de matriz católica (JUNQUEIRA, 2017, p. 43), com uma agenda de combate ao do feminismo, à laicidade, aos direitos humanos e outras conquistas das sociedades democráticas.

Não por acaso, conforme observa Fernando Penna (2016, p. 94), o discurso reacionário do movimento ESP, de nítido teor anticomunista e católico tradicionalista, se constrói contra três elementos: a “ideologia de gênero”, o “marxismo cultural” e a “doutrinação ideológica”. Também nesse caso, ocorre aquilo que Junqueira (2017, p. 28) aponta nessa ofensiva em geral: esses “dispositivos retóricos reacionários” são colocados a serviço da promoção do pânico moral para, com isso, deslegitimar propostas pedagógicas inclusivas, entre outras coisas (JUNQUEIRA, 2018).

No Brasil, parte da ação de movimentos reacionários se tornou particularmente visível ou mais efetiva depois das chamadas ‘Jornadas de junho’ em 2013 (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 49). Na escola, eles acontecem capitaneados pelo “Escola Sem Partido”, o qual, aliado a outras organizações de direita (RIBEIRO, 2016, p. 5), defendem a que chamam de “neutralização escolar” – ou seja, em favor da inviabilização da formação crítica.

Atuando há mais de dez anos em sua cruzada contra a “doutrinação ideológica” nas escolas, o ESP, não obstante a virulência de seu discurso, somente conseguiu visibilidade e adesão quando, recentemente, começou a se valer do espantinho da “ideologia de gênero”, unindo vários segmentos da sociedade em torno de sua cruzada moral contra as escolas (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 51; PENNA, 2016). Vale lembrar que, em função da pressão exercida especialmente por parte da Igreja Católica e de denominações evangélicas neopentecostais, o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014 teve suprimida de sua versão final qualquer menção à palavra “gênero” (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 51);





O Colégio Imperial em rota de colisão com o ESP

O ano de 2016 foi particularmente conturbado para a sociedade brasileira². No Colégio Pedro II, as perseguições que se iniciaram em 2016 disseminaram o medo, desconfiança e revolta nos educadores (SILVA, 2017b, p. 5).

Em páginas do Facebook, responsáveis externavam sua preocupação contra a “disseminação da Ideologia de Gênero dentro das Escolas” e contra o ensino disfarçado de “lavagem cerebral” o qual ensina que “ninguém nasce menino nem menina e que poderão decidir o que são ao longo de suas vidas. Que ser menino ou menina é uma construção social e não é determinado pelo sexo biológico”. Para alguns, o problema nem era mesmo “discutir gênero”, mas sim “ensinar o homossexualismo”.

O início do ano de 2017 trouxe com ele um desafio maior: o Ministério Público Federal abriu um processo contra um grupo de servidores do Colégio, com base em denúncias de pais que diziam haver doutrinação político-partidária na instituição, assim como “ideologia de gênero” em **todas** as disciplinas (MINISTÉRIO, 2017, p. 16). Nas 78 páginas do processo, encontram-se frases nas quais se afirma

“QUE a ideologia de gênero começou a ser implantada no CPII como um programa do PSOL dentro do Colégio”

“QUE a possibilidade de meninos utilizarem saias no Colégio adveio da agenda do PSOL;”

“QUE pela influência do PSOL, que defende a ideologia de gênero, também é possível que menino utilize nome de menina e vice versa;” (MINISTÉRIO, 2017, p. 34)

Antes mesmo da divulgação do processo, porém, a comunidade do CPII já havia despertado para a enorme tarefa que precisariam enfrentar: a construção de uma resistência à reação ultraconservadora dentro do colégio.

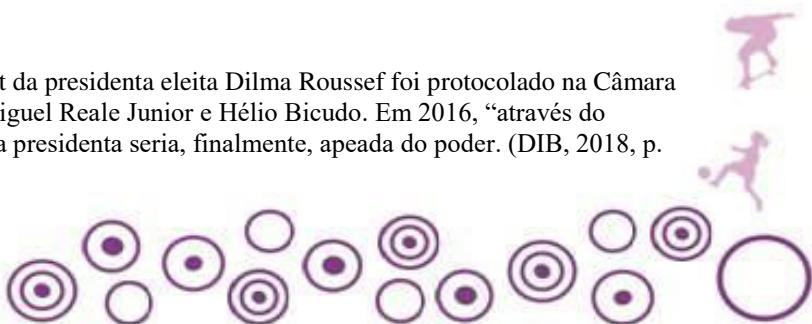
Organizando a resistência

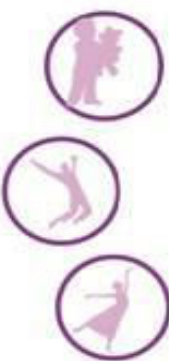
Dentre as várias iniciativas no sentido de enfrentar o movimento antidemocrático e conservador no Colégio Pedro II, destacamos duas delas:

1. O coletivo CPII Diverso e Democrático:

O coletivo foi criado em 2016, segundo relato de uma das mães que participou de sua fundação, como iniciativa contra um responsável que havia entrado com um processo no MPF

² Em setembro de 2015, o pedido de impeachment da presidenta eleita Dilma Rouseff foi protocolado na Câmara dos Deputados pelos juristas Janaína Paschoal, Miguel Reale Junior e Hélio Bicudo. Em 2016, “através do Congresso mais conservador eleito desde 1964”, a presidenta seria, finalmente, apeada do poder. (DIB, 2018, p. 19, 59, 60).





questionando a faixa “Fora, Temer”, colocada pelo sindicato dos professores do colégio em um dos muros externos da instituição (SILVA, 2017, p. 17). Foi criado um grupo de WhatsApp com responsáveis que eram contrários à decisão de retirar a faixa, justamente por entenderem que esse responsável “não representava a maioria”. No próprio aplicativo de conversas surgiu o nome do grupo.

A ideia central do coletivo é “mostrar que dentro do Colégio Pedro II tem responsáveis de alunos que se opõem ao projeto Escola sem Partido e lutam contra o sucateamento da educação pública pelos governantes”.

O grupo participou de debates na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, apresentando na tribuna uma fala contra o PL “Escola sem Partido” e levando faixas alusivas ao fato de que o ESP é, na verdade, um movimento partidário (“Escola 100 partidos”). Tem contribuído, ainda, para a criação de frentes, como a “Escola sem Mordaza”, no Rio de Janeiro, a “Frente CPII sem Mordaza”, uma iniciativa do coletivo em parceria com o sindicato de professores do Colégio Pedro II e da Associação de Docentes.


Ainda no campo dos embates públicos, rechaçou o discurso do ESP e da falácia da “ideologia de gênero”, lançando cartas de repúdio ao processo movido pelo MPF em 2017 (COLÉGIO, 2017) e contra a solicitação de intervenção do Pedro II (COLÉGIO, 2018) por parte do deputado Sóstenes Cavalcante, membro da bancada evangélica da Câmara (COLÉGIO, 2018b). No dia 11 de setembro de 2017, organizou o evento “Escola Democrática”, com participação do professor Fernando Penna, professor adjunto da Faculdade de Educação da UFF e um dos principais representantes dos movimentos pela educação democrática e contra o ESP.

2. O LEDi – Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade:

O Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade é um núcleo de estudos que faz parte do campus São Cristóvão II e está registrado na Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura como “coletivo de pesquisa”, além de fazer parte do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, ligado ao CNPq. Foi criado em março de 2015 e reconhecido por meio de portaria institucional em abril daquele ano. Participaram da sua formação professores e técnicos em educação, comprometidos com uma educação menos violenta, mais equânime, inclusiva e com uma perspectiva de gênero.

Nos seus anos de existência o coletivo já realizou vários projetos, atuando para enfrentar os enormes desafios da educação brasileira, principalmente no que diz respeito às “desigualdades persistentes entre as mulheres brasileiras”, à “manutenção de uma educação





sexista, racista, homo/lesbo/bi/transfóbica e discriminatória no ambiente escolar [...]” (CARREIRA, *et al.*, 2016, p. 31).

Dentre as ações executadas, fazem parte um ciclo de debates, ciclo de filmes com foco em gênero e sexualidade, oficinas para estudantes do colégio e de fora dele, sobre temas como representações das mulheres em videogames, apagamento das mulheres nas disciplinas escolares e feministas negras, além de cursos de extensão para educadores. Mesmo estando sediado no campus São Cristóvão II, onde recaiu a maior parte das falsas denúncias do ESP contra professores e técnicos, as ações do LEDi nunca foram confrontadas por esses denunciantes.

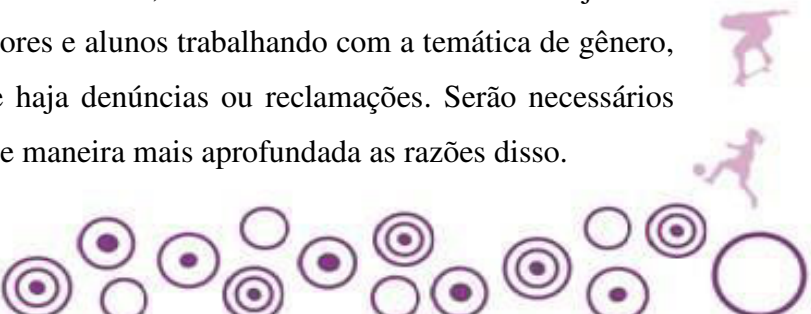
Considerações finais

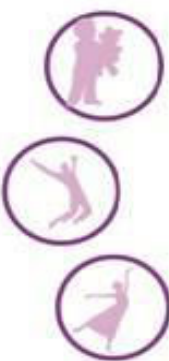
Nesse texto, apresentei ações de dois coletivos que podem ser caracterizados pelas energias que mobilizam, resultando em uma “sinergia coletiva” (PELBART, 2008, p. 34). São grupos de fato múltiplos e heterogêneos e que extraem dessas características a força necessária para forjarem as estratégias de resistência a fim de se contrapor ao feroz desejo de destruição do bem comum, tão típico em grupos como o ESP, com suas narrativas de aniquilação da família através da falaciosa “ideologia de gênero” e da “doutrinação político-partidária”.

Durante dois anos o Colégio Pedro II foi vítima de ataques quase contínuos, vindos de frentes diversas, além do ESP: membros do judiciário, jornalistas mais ou menos independentes, veículos de mídia de viés conservador – unidos em torno do propósito comum de desacreditar a educação pública de qualidade para todos e todas. O Pedro II é, ele mesmo, símbolo de resistência: sobrevivendo a governos, planos econômicos e mudanças nas políticas educacionais, tem mostrado sua vocação para se reinventar.

Mostrei também que a ação dos coletivos é difusa, acontece em frentes diversas – nas ruas, nos eventos acadêmicos, nas redes sociais, nas tribunas – e é totalmente horizontal. Organizados contra aquilo que consideram uma ameaça ao direito à educação pública, eles têm buscado variar as suas estratégias, numa tentativa de criar, acima de tudo, um sentimento de pertencimento ao colégio, a fim de conquistar aliados.

Quanto à atuação do ESP dentro do Pedro II, pode-se sugerir um enfraquecimento da pauta da “ideologia de gênero” em favor de outras, de cunho neoliberal. Existe hoje uma enorme quantidade de projetos de professores e alunos trabalhando com a temática de gênero, em todos os campi do Colégio, sem que haja denúncias ou reclamações. Serão necessários novos estudos e pesquisas para explorar de maneira mais aprofundada as razões disso.





No entanto, sabemos desde já que seguiremos resistindo, pois “o que fala através de nós” (PELBART, 2016, p. 21) é a nossa infinita capacidade de fugir do “esgotamento dos possíveis” (Idem, p. 45). Em um movimento de questionamento da “mística” do Colégio de tradição com um passado branco, heteronormativo e monárquico, busca-se abraçar o presente, que pulsa no embate dos múltiplos sujeitos que compõem a instituição, ressignificando os versos do hino do Colégio: “sem temer foi sempre o nosso lema”³.

Referências

- CARREIRA, Denise *et al.* (Org.). **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais**. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas, 2016.
- COLÉGIO Pedro II. **Nota de repúdio do Coletivo CPII Diverso e Democrático**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2LZjRMs>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- _____. **Deputado Sóstenes Cavalcante pede intervenção no CPII**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2uZZTLf>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- _____. **Carta de repúdio do Coletivo CPII Diverso e Democrático**. In: COLÉGIO Pedro II. Comunidade escolar se manifesta em apoio ao Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 2018b. Disponível em: <<https://bit.ly/2NUban8>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- CPII Diverso e Democrático. **Facebook**. [S.l.]. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2OseEOR>>. Acesso em: 3 maio 2018.
- DIB, Andreia. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- ESPINOSA, Betty R. Solano; QUEIROZ, Felipe B. Campanuci. Breve análise sobre as redes do Escola Sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. p. 49-62.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.
- _____. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**.

³ Versos do Hino do Colégio Pedro II, cuja letra, marcada por símbolos do Positivismo, exalta, entre outras coisas, o valor da ciência para a construção de uma “grande e brilhante nação”.





São Paulo, 2018 (no prelo).

LEDi – Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade. **Facebook**. [S.l.] 2015.

Disponível em: <<https://bit.ly/2LvXWjU>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MINISTÉRIO Público Federal. **Procuradoria da República no Estado do Rio de Janeiro**.

Procedimento Administrativo MPF/PR/RJ nº 130.001.003828/2016-91. Rio de Janeiro, 2017.

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. *In*: F. SAADI; S.

Garcia (Org.). **Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea** São Paulo: Itaú

Cultural, 2008. p. 33-37.

_____. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

PENNA, Fernando de Araújo. O ódio aos professores. *In*: AÇÃO Educativa (Org.). **A**

ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo:

Ação Educativa, 2016. p. 93-100.

RIBEIRO, Vera Masagão. Apresentação. *In*: AÇÃO Educativa (Org.). **A ideologia do**

movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação

Educativa, 2016. p. 5-8.

SILVA, Marília Márcia Cunha da. Entre Dom Pedro, partidos e saias: acompanhando a

controvérsia entre o Colégio Pedro II e o Escola sem Partido. *In*: Encontro Anual da

ANPOCS, GT 24 – Pluralismo, Identidade e controvérsias sociopolíticas, 41., 2017b,

Caxambu, **Anais...**, p. 1-30. Disponível em: <<https://bit.ly/2vjvsvyO>>. Acesso em: 30 maio

2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

